

APROXIMAÇÕES TEMÁTICAS NAS LITERATURAS BRASILEIRA E CABOVERDIANA

Carlos da Silva*

Resumo

Com o aparecimento da revista *Claridade*, em 1936, a ficção caboverdiana experimenta efetivamente um desenvolvimento temático direcionado para certas características próprias do Arquipélago, como a conscientização do fazer literário, inspirado no modelo da Literatura Brasileira da década de 30.

Abstract

With the appearance of the *Lightness* magazine, in 1936, the "Caboverdiana" fiction factually experiences a thematic development directioning to certain suitable characteristics of the Archipelago, like the conscientization of the literary doing, inspired in the Brazilian Literature model of the 30 decade.

Introdução

Parece definida a posição das literaturas africanas de Língua Portuguesa no contexto das literaturas modernas. O crescente interesse de estudiosos - tanto historiadores quanto críticos literários - confirma a importância que atingiram essas literaturas de contextos diferentes, espaços diversos,

em momentos distintos da formação cultural e até mesmo histórico-social em que se formaram.

Dentre as várias literaturas africanas interessantes o estudo da literatura caboverdiana, ou precisamente, a sua narrativa, pelas aproximações temáticas com a chamada "literatura nordestina" ou "romance de 30", expressão já consagrada pela crítica brasileira.

A literatura brasileira e caboverdiana

É do conhecimento da crítica mais atenta que a literatura produzida na década de 30, especificando a situação crítica do homem brasileiro frente à natureza hostil, foi um dos motivos que impulsionaram a produção literária caboverdiana, bem como de outras literaturas africanas. Salvado Trigo, em *Ensaio de literatura comparada* (1), confirma a importância conferida ao romance do Nordeste frente ao surgimento das literaturas africanas.

É esse romance nordestino o mais citado fator extrínseco da formação das consciências literárias da África de expressão portuguesa, a par da poesia telúrica e de empenamento social dum Jorge de Lima ou dum Drummond de Andrade ou, ainda mais recentemente, da prosa poética mais original que o Brasil conheceu até hoje como o é a de João Guimarães

* Mestre em Letras. Docente da FAFIPA.

Rosa....(p. 39).

A partir de Claridade, essa presença torna-se mais efetiva entre os caboverdianos, que procuram ajustar seu modo de fazer literário aos ideais estéticos propostos pelo Modernismo brasileiro. É Manuel Ferreira quem nos confirma o direcionamento que tomou o texto caboverdiano:

Seria um erro ou uma infração querermos, à viva força, para a narrativa caboverdiana, ir ao passado buscar modelos, paradigmas ou impulsos. A aprendizagem literária desses autores foi, predominantemente, veiculada pelo texto em português e, como já dissemos, pelo texto brasileiro. (Manuel Ferreira, 1987, p. 73, grifo do autor).

Na literatura caboverdiana, na aceitação de um modelo brasileiro de literatura, está implícito um modo particular de concepção da realidade. A rejeição dos padrões estéticos da Metrópole justifica a opção literário-ideológica dos caboverdianos, em busca de um padrão que os conduzisse à autonomia literária. Nesta perspectiva, entendemos que o abandono ou a rejeição da orientação estética metropolitana não significa apenas pensar um tipo de leitura do colonizador, mas sobretudo, caracteriza-se pela procura do sentimento de cidadania, de nacionalidade e de identidade, compartilhando os caboverdianos essa ansiedade intelectual com uma nação onde elementos históricos, culturais, étnicos e até mesmo geográficos estão muito próximos do modo de sentir do homem de Cabo Verde. Está claro, porém que nem sempre as situações vistas sob a ótica da historiografia coincidem com as vertentes textuais, pois na ficção, na arte da palavra escrita, a realidade ganha aspecto distinto, intensamente motivada pela experiência do jogo estético.

O movimento dialético entre a dominação política do colonizador e a negação em estado de abstração de um padrão cultural imposto cria, no interior da colônia, o sentimento mais legítimo da caboverdianidade, um sentimento de nacionalidade que tem no espaço físico seu meio mais próximo de se manifestar.

Benjamin Abdala Junior (2), refletindo sobre a possível presença da vertente nacionalista nos textos de natureza sociológica, afirma:

Importa à literatura engajada não o fato de olhar para fora de seu país, mas a consciência crítica do sentido ideológico do trabalho artístico realizado. Essa consciência deve efetivar-se não apenas em relação à dinâmica da série literária nacional. Nessa situação político-cultural que aproxima as literaturas de ênfase social em Português, o dominante dialético aponta para a nacionalidade, quer consideremos essa polaridade interno/externo diante do nosso sistema literário ou as interações desse último com as dos outros sistemas ou macrosistema. (p. 27).

O que está dito vale como referência na aceitação da literatura caboverdiana como um produto da série social, com ênfase no engajamento das situações críticas do contexto caboverdiano. A busca de um princípio ativo no texto, em que se perceba a inserção do narrador comprometido com as diretrizes do contexto originário, aí se encontra a base do engajamento que, antes de ser literário, passa pelo direcionamento social.

Visto sob este prisma, o retorno a uma situação que marque as perspectivas de uma literatura do subdesenvolvimento e a consciência desse estado de coisas podem propiciar ao escritor a elaboração de um texto onde estão presentes as marcas da descolonização, ou se quisermos, como Benjamin Abdala Junior, que reconhece no processo de absorção o caminho para uma literatura de compromisso com a vertente nacional:

Nas situações de dependência, de caráter imperialista, colonial ou neocolonial, a apropriação na perspectiva nacional, se bem elaborada dentro da série literária, pode conduzir o escritor a articular um texto descolonizado... (3).

Ora, as características mais próximas da narrativa caboverdiana indicam um caminho de retorno às origens telúricas, o apego à terra como elemento primeiro de uma escala de valores, em que o homem de Cabo Verde se reconhece parte integrada. E não é

somente esta integração uma expressão construída pela força das palavras: o caboverdiano sente na própria carne, na totalidade de seu ser, as amarguras de uma natureza adversa e terrível, contra a qual ele não pode lutar.

Quando Mikhail Bakhtin diz ser perigoso estudar a literatura desconsiderando a totalidade cultural de uma época, ou mais perigoso ainda, estudá-la apenas no tempo em que foi criada (4), talvez queira dizer que os estudos literários de determinada literatura devem considerar a possibilidade do encontro entre culturas do mesmo ou de diferentes sistemas. A afirmação se justifica no caso específico da literatura caboverdiana, inserida no macrossistema das literaturas de Língua Aportuguesa, e que procura correspondência no diálogo com outro contexto cultural que mantenha alguma afinidade com o seu.

Na recomendação de Bakhtin, a condição dialética impõe-se como sobrevivência da literatura enquanto arte produtiva. Vista a situação caboverdiana desse prisma, não é difícil compreender sua aproximação com a Literatura Brasileira da década de 30, quando então, no Brasil, a exploração de temas sobre o aspecto social visava o reconhecimento por toda a sociedade brasileira da problemática existência do complexo nordestino – o homem, a terra e os elementos que formam um convívio doloroso. Não nos esqueçamos, entretanto, de que a situação-problema que origina a visão crítica dessa literatura é de natureza política, com profundas implicações sócio-culturais.

Retomando o contato com as origens telúricas, ditas anteriormente, é forçoso reconhecer na consciência do subdesenvolvimento a força geradora, verdadeiro *leitmotiv*, de busca da autonomia literária, cujas bases centralizam-se nas peculiaridades nacionais imediatamente reconhecíveis, as quais formam o conjunto de elementos culturais de um povo. E são esses elementos que podem favorecer uma aproximação mais estreita entre literaturas pertencentes a um macrossistema literário semelhante, em obediência a imposições internas, globalizadas num processo complexo onde se apresentam a questão

do espaço, a formação étnica e as ressonâncias nostálgicas da empatia com o lirismo brasileiro (5).

Dessa situação de empatia é que pode nascer a condição dialógica entre as duas literaturas, porque, se opera aí um processo de produção e de recepção, sem que haja, numa e noutra, a contaminação pernicioso, capaz de obscurecer a identidade própria, pois o encontro dialógico de duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e sua totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente (6).

Num poema cheio de ressonâncias nostálgicas e de recorrências intertextuais, o poeta Baltasar Lopes recupera o passado e as raízes culturais, numa interpenetração de planos que cria a fusão de sentimentos e intensifica a imagem constituída em primeiro plano:

*Vestida de gemidos de bordão,
lancinâncias de violino,
na noite parada
vem descendo a serenata.
Sumiu-se a cidade baruolhenta
Inimiga das crianças e dos poetas
Uma voz canta sentimentalmente um samba.
Os cavaquinhos desmaiam de puro sentimento,
A cidade morreu lá longe,
E a lua vem surgindo cor de parata.
Nessa história de amor todos são iguais,
Até rei volta sua palavra atrás...
O meio tom brasileiro deixa
Interrogativamente sua nostalgia...
Passa a serenata.
Mas no coração dos que temem a primeira luz
Do dia que vai chegar
Ficam os gemidos do violão e do cavaquinho,
Vozes crioulas neste noturno brasileiro
De Cabo Verde (7).*

Num poema quase didático que estabelece um diálogo entre dois sistemas literários de previsíveis temáticas, o poema de Jorge Barbosa deixa claro que a identificação por empatia atinge camadas sucessivas

da existência brasileira, agora também caboverdiana:

Eu gosto de você, Brasil

Por que você é parecido com a minha terra.

.....
E o seu povo parece-se com o meu,

Que todos eles vieram de escravos

Com o cruzamento depois de lusitanos e estrangeiros.

É o seu falar português que se parece com o nosso falar,

Ambos cheios de um sotaque vagaroso,

.....
O gosto dos seus sambas, Brasil das suas batucadas dos seus cateretês, das suas toadas de negros,

Caiu também no gosto da gente de cá,

Que os canta e dança e sente,

.....
As secas do Ceará são as nossas estiagens (8).

Sem nenhum esforço de percepção, percebe-se uma proximidade cultural entre dois sistemas literários, expressa no poema pela aceitação das raízes africanas em nossa expressão musical e, como complemento, a permanência das invariantes climáticas determina o mesmo modo de sentir-se impotente diante do meio hostil.

A via textual comprova na prática, o que a historiografia literária já conhecia: os caboverdianos conheceram e aceitaram, como coordenadas sócio-literárias, tanto as projeções temáticas dos escritores nordestinos da geração de 30, que originaram a revista *Claridade*, quanto a “*influência estimulante da revista Presença*” (9).

Mais do que na produção poética, a ficção caboverdiana pós-*Claridade* aproxima-se do romance nordestino brasileiro com mais intensidade, na exploração de temas semelhantes ou motivados por situações espaciais idênticas. Em *O Quinze*, de Raquel de Queirós, as condições espaço-temporais traduzem a preocupação modernista do romance de 30 em ajustar a ficção romanesca a um contexto social

específico, buscando uma interpretação crítica dessa realidade. O tema central do romance é análogo às estruturas sociais que enfatizaram a sua criação, integrando a obra no contexto sócio-político mais contundente da literatura modernista brasileira.

Em *Chiquinho*, de Baltasar Lopes, romance que inaugura a moderna literatura em Cabo Verde, publicado em 1947, mas escrito antes do fim da década de 30, as condições climáticas descritas no texto são semelhantes às do sertão nordestino. A presença do homem nessas paisagens acentua mais ainda a condição deprimente da subordinação ao meio físico. Sendo construído com base na recordação de *Chiquinho* - personagem narradora que empresta nome ao romance – o texto caboverdiano oscila entre dois pólos: o de orientação política e o de natureza social. Possuidor da consciência cultural e das condições sócio-econômicas de sua terra, *Chiquinho* sente-se impotente para vencer a natureza impiedosa que espalha a morte através da fome.

Situação semelhante observa-se no texto brasileiro, construído sob o signo da seca. A morte de Josias, personagem morto por comer mandioca brava ou maniva é humilhação a que está sujeito o ser humano, retirante em busca da sobrevivência. A fome é o elemento comum que aproxima os dois textos. No entanto, a tematização pertinente às duas literaturas alcança níveis mais significativos, porque explora o conjunto de situações sócio-econômicas e sócio-políticas que orientam o contexto em que a obra é concebida. É o caso, por exemplo de *Os Flagelados do Vento Leste*, de Manuel Lopes, publicado em 1960, romance onde a seca, a fome e a emigração das personagens aproximam-se muito da proposta sócio-ideológica defendida por Graciliano Ramos em *Vidas Secas* (1938). A dicotomia ficar/partir, tão presente em *Hora di bai*, de Manuel Ferreira, em *Chiquinho*, ou em *Os Flagelados do Vento Leste* equivale, no texto brasileiro, ao sentido da resistência do homem contra o meio.

Em conclusão, os textos brasileiros e caboverdianos, inseridos no contexto sócio-político específico, constituem a crítica contundente de uma

postura descompromissada com o homem e o meio. Em todos, o valor da narrativa pode ser medido pela importância que o macroespaço assume no relato, associado ao modo particular da atuação do homem neste contexto. Semelhança de temas e de tendências sócio-culturais não aconselham, porém, a que se julgue o texto caboverdiano como reconstrução ou motivação do texto brasileiro. O caminho percorrido pela literatura caboverdiana é um caminho próprio, marcado pela presença do sentimento da nacionalidade, ou melhor, do sentimento da caboverdianidade.

Bibliografia

1. TRIGO, Salvato. **Ensaio de Literatura Comparada**. Lisboa: Veja, [s.d.], p. 39.
2. ABDALA JUNIOR, Benjamim. **Literatura, História e Política**. São Paulo: Ática, 1989.
3. ABDALA JUNIOR, Op. Cit., p. 27.
4. BAKHTIN, Mikhail. **Estética de criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 364.
5. SANTILLI, Maria Aparecida. **Africanidade**. São Paulo: Ática, 1985, p. 26.
6. BAKHTIN, Mikhail. **Op. Cit.**, p. 368.
7. LOPES, Baltasar. **A serenata**. Apud.: SANTILLI, Maria Aparecida. **Op. Cit.**, p. 26.
8. BARBOSA, Jorge. **Poema sem título**. Apud.: FERREIRA, Manuel. **Aventura Crioula**, 1973, p. 256.
9. FERREIRA, Manuel. **Aventura crioula**. p. 159.

Referências Bibliográficas

1. ABDALA JUNIOR, Benjamim. **Literatura, História e Política**. São Paulo: Ática, 1989.
2. BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
3. LOPES, Baltasar. **Chiquinho**. São Paulo: Ática, 1986.
4. FERREIRA, Manuel. **Aventura crioula**. Lisboa: Plátano, 1973.
5. FERREIRA, Manuel. **Hora di bai**. São Paulo: Ática, 1980.
6. QUEIRÓS, Raquel de. **O Quinze**. 17.ed. Rio de Janeiro: Olympio Editora, 1974.
7. SANTILLI, Maria Aparecida. **Africanidade**. São Paulo: Ática, 1985.
8. SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas: história & antologia**. São Paulo: Ática, 1985.
9. TRIGO, Salvato. **Ensaio de Literatura Comparada**. Lisboa: Veja, [s.d.].